

NOTAS SOBRE CINEMA E EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO ESTÉTICA NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

Márcia Ferreira Torres Pereira⁹⁷

Resumo

O artigo enfatiza estudos sobre estética, educação e imagens da arte, considera a reflexão filosófica acerca da realidade histórico-cultural contemporânea, do conceito e do sentido da formação estética como possibilidade de emancipação humana, na trajetória dos teóricos: Aumont; Badiou; Haroche e Aubert; Kracauer; Schiller; Wulf; Adorno; Horkheimer e Benjamin. A estética como conhecimento histórico exige reflexão, considera as percepções sensíveis, propõe uma educação crítica e a busca pelo conhecimento capaz de oportunizar o movimento do pensamento ético e político na condução de outros conhecimentos. O estudo sobre o cinema, como manifestação artística, abarca aspectos filosóficos e estéticos no contexto de suas relações com o saber e sua contribuição para o processo de formação.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Autonomia. Estética. Cinema.

NOTES ON CINEMA AND AESTHETIC TRAINING EXPERIENCE FROM AN EMANCIPATORY PERSPECTIVE

Abstract

The article emphasizes studies on aesthetics, education and images of art, considers the philosophical reflection on the contemporary historical-cultural reality, the concept and the sense of aesthetic formation as a possibility of human emancipation, in the trajectory of the theoreticians: Aumont; Badiou; Haroche and Aubert; Kracauer; Schiller; Wulf; Adornment; Horkheimer and Benjamin. Aesthetics as historical knowledge requires reflection, considers perceptions sensitive, proposes a critical education and the search for knowledge capable of providing the movement of ethical and political thinking in the conduct of other knowledge. The study of cinema, as an artistic manifestation, encompasses philosophical and aesthetic aspects in the context of its relations with knowledge and its contribution to the process of formation.

Key-words: Education. Culture. Autonomy. Aesthetics. Movie theater.

⁹⁷Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação pelo Programa de Pós-Graduação da UFG, linha de pesquisa Cultura e Processos Educacionais, na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Pesquisadora do diretório de pesquisa Teoria Crítica, Cultura e Educação Universidade Federal de Goiás (dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/9589142141326535141933). Coordenadora do Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA). Projeto de Pesquisa Trabalho Docente, Racionalidade e Adoecimento na Universidade - Barbárie oculta e aparente em “estado da arte”. Docente da Unidade CEPAE-UFG. E-mail: marciafortresp@gmail.com. Contato telefônico: (62)39213865 e (62)984748901.

Introdução

Este artigo visa empreender uma reflexão a partir da relação entre estética, educação e imagens da arte. Objetiva-se, portanto, tratar do sentido emancipatório que a estética possibilita à formação, considerando o aprofundamento teórico dos referenciais sobre o estudo da estética e seus desdobramentos ao conferir à realidade social histórica moderna/contemporânea o seu lugar para relacionar a estética à cultura e educação.

A discussão da qual este texto se ocupa proporciona um diálogo entre os teóricos estudados, como: Aumont (2001); Badiou (2015); Haroche e Aubert (2013); Kracauer (2009); Schiller (2013); e Wulf (2013); somado ao referencial bibliográfico Adorno (1970, 1994, 1995, 1995^a, 1998, 2003, 2009); Adorno e Horkheimer (1985) e Benjamin (1992, 2011) devido à proximidade sobre os fenômenos que incidem sobre a formação estética e o seu sentido emancipatório (*Mündigkeit*), assim como Schiller que pensou a educação estética como uma educação para a emancipação (*Bildung*) oposta a semi-formação (*halsbildung*). Schiller referia-se a uma educação em processo⁹⁸ sobre a formação do “homem cultivado”⁹⁹ e “nobre”¹⁰⁰.

Entretantes, se Schiller estava convicto sobre a importância da educação estética capaz de desencadear possibilidades de superação das cisões e unilateralizações da modernidade nascente, os avanços culturais para a formação de uma autoconsciência filosófica, desde as Luzes, segundo Adorno e Horkheimer (1985),

⁹⁸ “[...] trabalho para mais de um século [...] começar a criar cidadãos para a consituição, antes de dar uma constituição aos cidadãos [...] O caráter do cidadão depende tanto da constituição quanto esta repousa sobre o caráter do cidadão [...]” (Cf. Carta ao Príncipe de Augustenburg de 13 de julho de 1793, em Obras de Schiller – edição nacional, v. 26: Cartas de Schiller [1790-1794]. Editado por Edith Nahler e Horst Nahler. Weimer: Verlag Hermann Böhlau Nachfolger, 1992, p. 264). (*tradução nossa*).

⁹⁹ “O homem cultivado faz da natureza uma amiga e honra sua liberdade, na medida em que apenas põe rédeas a seu arbítrio” (SCHILLER, F. 2013, p. 31).

¹⁰⁰ “[...] Deve ser dita nobre a alma que tenha o dom de tornar infinitos, pelo modo de tratamento, mesmo o objeto mais mesquinho e a mais limitada empresa. É nobre toda forma que imprime o selo da autonomia [...]” (SCHILLER, 2013, p. 120).

apresentaram resultados opostos decorrentes de uma cultura heterônoma¹⁰¹; entre cultura e arte, entre a natureza sensível e a razão humana, consequência da própria forma de organização social da sociedade moderna em que a cultura tem o princípio da liberdade sacrificado.

Para refletir sobre estas relações este texto foi organizado em três partes, tomando como ponto de partida as transformações históricas da realidade moderna, que incide pensar sobre a necessidade de uma educação para a emancipação dos sujeitos.

Assim, a primeira parte deste artigo destaca a constituição formativa dos sujeitos a partir da racionalidade moderna. Compreendendo que a totalidade social e do homem como sujeito histórico é capaz de autorreflexão. Em Kracauer (2009) destaca-se esta necessidade devido ao processo de desencantamento da sociedade capitalista, cuja cultura se manifesta na relação entre o instituído, entendido como norma e valor padronizados, que incidem sobre o sujeito, e o instituinte, isto é, os processos que modelam e massificam novas formas de produzir a vida social de forma instrumentalizada, obstaculizando a experiência filosófica da reflexão, que implicaria numa tomada de consciência sobre a realidade social.

Nesse sentido, cabe ressaltar que tal experiência consiste na formação de uma consciência verdadeira para a autonomia, ou seja, para o esclarecimento (*Aufklärung*), considerando que as diretrizes e a reprodução da vida em sociedade contribuem para que a adaptação dos indivíduos continue, em um processo de reforço sistêmico de tendências sociais dominantes da sociedade capitalista. Trata-se do campo estético, ou seja, o campo da percepção. É necessário perceber que a estrutura social não é exógena, pois os indivíduos não ficam fora dela, por isso a autorreflexão, embora exercida aos poucos, é um resíduo contra o determinismo histórico.

Embora a concepção de autoridade proporcione realidades objetivas de liberdade na formação de subjetividades, para os frankfurtianos Adorno e Horkheimer

¹⁰¹Contrapõe a autonomia no sentido da moralidade kantiana, que é o princípio da vontade independente, sendo “o homem dessa vontade não um simples objeto da legislação universal imposta pela lei moral, é necessário que ele seja o seu autor” (PASCAL, 2005, p.132).

(1985) os aspectos políticos e culturais, no âmbito da realidade objetiva da sociedade administrada pela lógica capitalista, concentram-se nos mecanismos ideológicos de dominação, devendo ser considerados como desafios à humanização na luta para a concretização de uma formação para a autonomia e, conseqüentemente, para a necessidade de uma educação que os indivíduos não se identifiquem com esses determinismos sociais, mas que seja para a resistência.

A questão que se coloca é sobre a degradação da identidade dos sujeitos sociais devido à experiência danificada da reflexão. Isso leva a pensar sobre o quanto as diretrizes da produção e da reprodução da vida na sociedade capitalista obstaculizam a autonomia e a consciência dos indivíduos. Trata-se de um caminho que pode se alcançar sem a autointerpretação fragmentada dos sujeitos modernos, sem a usual prática irrefletida que impede de perceber o caráter irreal da realidade. É necessário retomar o pensamento crítico a esta totalidade social que age continuamente sobre os indivíduos, insuficiência que não pode permanecer para sempre velada.

No contraponto desta realidade, a segunda parte desta discussão apresenta as contribuições de Friedrich Schiller para tratar, sobretudo, da educação estética para a formação humana no seu sentido emancipatório. Acrescenta-se a esta discussão a importância da educação estética na perspectiva de Theodor Adorno como um pensador que concebe a arte como caminho para a formação humana. No que diz respeito ao sentido e significado da estética e da educação, importa esclarecer que a estética é compreendida como um conhecimento histórico que abarca percepções sensíveis à realidade que envolve o sujeito, intervindo e abrindo a perspectiva do que é arte.

Embora evidencie uma racionalidade técnica no decurso da história moderna e contemporânea, que oriente os processos de formação humana para conduzir os homens à “invisibilidade”¹⁰², contraditoriamente a imagem na cultura moderna exerce

¹⁰²Termo utilizado por Claudine Haroche e Nicole Aubert (2013) para referir-se ao *estatuto contemporâneo da invisibilidade* que “diz respeito aos indivíduos quanto às instituições, aos organismos,

poder devido à sua potência sobre a imaginação (*Einbildungskraft*), o fazer humano e seu cotidiano. Cabe à estética, nesse sentido, promover percepções sensíveis, o despertar de sensações, como também, a formação humana para autonomia, propondo uma educação para a reflexão e a busca pelo conhecimento capaz de oportunizar o movimento do pensamento dialético que abarque a ética e a política na condução de outras formas de conhecimentos como os científicos, filosóficos e artísticos.

As diferentes formas de arte são meios que podem conduzir a uma formação estética, transformando pensamentos e conceitos. Portanto, para refletir criticamente, a formação estética, tendo o cinema como contribuição do fenômeno educativo para o reconhecimento da formação em seu sentido emancipatório, faz-se necessário refletir, na terceira e última parte deste trabalho, sobre o cinema e seu aspecto filosófico e estético, no contexto de suas relações com o saber e sua contribuição para o processo de formação estética.

1 – (De) formação do sujeito moderno

Sobre este aspecto relativo à produção cultural na realidade moderna, Adorno e Horkheimer (1985) cunharam o conceito de indústria cultural¹⁰³, a partir da produção

às empresas. Este estatuto da invisibilidade aparece como uma tendência carregada, pouco discernível à primeira vista, que é profundamente reveladora de formas inéditas de inexistência para as instituições, de destituição, de privação de si para os indivíduos (p.86).

¹⁰³Expressão usada pela Escola de Frankfurt para aludir à manipulação das consciências pelos meios de comunicação. “[...] não se trata em primeiro lugar das massas e nem das técnicas da comunicação como tal, mas do espírito insuflado nessas técnicas: a voz do ‘dono’ ”. Com efeito – argumenta Adorno – os atuais veículos de comunicação não são instrumentos neutros, preenchidos, em seguida, por conteúdos ideológicos, mas instrumentos ideológicos já de saída. Tanto é verdade que a indústria cultural é qualificada não tanto pelos conteúdos, ou seja, por aquilo que diz, porém mais pelas técnicas expressivas usadas, ou seja, pelo modo como diz o que diz. Técnicas que visam substancialmente a produzir, nos indivíduos, estados de paralisia mental acompanhados da aceitação passiva do existente. De resto, observa Adorno –, “o imperativo categórico da atual indústria cultural, diferentemente do kantiano, nada mais tem em comum com a liberdade, pois soa simplesmente: ‘você precisa adaptar-se,

ideológica do capitalismo tardio, denunciando a primazia da técnica e a produção de esquemas de pensamento para programar suportes à sua manutenção ao que, dialeticamente, deve promover a reflexão crítica para justificar a necessidade de uma educação emancipatória mediada pela estética, cuja contribuição deve ocorrer no âmbito da consolidação de uma relação entre a cultura e a experiência da reflexão.

Em Adorno e Horkheimer (1985) a existência de um conjunto de mecanismos de dominação social encontram-se no interior da indústria cultural e anuncia as intenções dos mesmos sobre os indivíduos, mais uma vez ressaltando o que a ideologia progressista e ocultada, tem sua funcionalidade permeada pela dialética entre avanço e declínio.

“tu deves submeter-te”, mas sem indicar a quê – submeter-se aquilo que de qualquer forma é o aquilo que, como reflexo do seu poder e onipresença, todos, de resto, pensam. Através da ideologia¹⁰⁴ da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência: jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens [...] (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 99).

Na modernidade, contudo, os conceitos funcionais de indivíduo e sociedade começaram a reprimir cada vez mais os conceitos substanciais, pois o sujeito já não é mais compreendido como entidade substancial, ou seja, idêntica a si mesma, capaz de autodeterminar sua própria essência, essa, muitas vezes confundida como consciência, já que se atribui ao sujeito as mesmas determinações da consciência, como: a autonomia; potencial de ações e condutas, unidade coerente das representações e da

sem especificar a quê; adaptar-se àquilo que imediatamente é, e ao que, sem reflexão sua, como reflexo do poder e da onipresença do existente, constitui a mentalidade comum. [...]. Tudo isso é eloquentemente exemplificado por fenômenos-chave como o cinema, o entretenimento e a publicidade, nos quais se demoram algumas páginas mais conhecidas da Dialética do Esclarecimento [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 645).

¹⁰⁴[...] ideologia' significa sociedade enquanto aparência. Embora seja mediada pela totalidade, atrás da qual se esconde a dominação do parcial, a ideologia não é redutível pura e simplesmente a um interesse parcial; por isso, de certo modo, está em todas as suas partes à mesma distância do centro (ADORNO, 1998, p.21).

personalidade, capacidade reflexiva do pensar entre outros atributos próprios do sujeito.

Para TÜRCKE (2010) há um campo de forças sociais que produz uma privação da atenção nos indivíduos, desde a infância, momento que muito antes de perceber os aparelhos tecnológicos como objetos já vivenciam essa privação do alcance dessa cultura com dificuldades para o estabelecimento das relações interpessoais, silenciando o desejo onde este busca o prazer da convivência, os quais as máquinas já não conseguem realizar, a mediação humana.

Entretanto, nesse mesmo momento da história, há uma inversão da emancipação em dominação, ocupando o cenário que serve de fundamento à racionalidade moderna e, conseqüentemente, incide sobre o conceito de sujeito. O modo pelo qual passou a ser compreendida esta categoria – o sujeito, não poderia deixar de ter conseqüências e, por isso, é necessário atentar para os processos de constituição do homem moderno, com suas exigências e auto identidade imediata, pois, mudanças culturais não se deixam perceber de imediato, significando a submissão de toda experiência possível ao primado da abstração que se deu a partir da organização da vida social. É nesse sentido que Adorno e Horkheimer (1985) insistem na necessidade do pensamento racional denegar toda a força cognitiva da adaptação com a realidade.

Conseqüentemente, a padronização como um sistema de referência da indústria cultural impõe o que ela julga ser bom para todos e, despersonalizando sujeitos, busca imitações, impedindo a autonomia. Devido às formas universalizadas que impõem o estilo a serviço do consumo e da formação de comportamentos correspondentes e das formas de pensar e de sentir, a partir de um meio técnico, é que a cópia tem seu lugar. Assim também, menos pensamento, percepção e sensibilidade são interessantes posto que “a visibilidade está no centro do processo de produção, que se tornou, em grande parte, de consumo, a ponto de [...] a visibilidade de si, atualmente ser imposta ao indivíduo” (HAROCHE & AUBERT, 2013, p. 93).

Quanto mais o indivíduo se torna invisível, maior a força da manipulação e da administração social. Subsumido nos esquemas de referência sociais determinados, o indivíduo é imerso numa cultura que legitima os elos de fixação numa espécie de esquematismo, que consiste em “harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por se revelar na ciência atual como o interesse da sociedade industrial” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 73).

Desde os primeiros anos de vida de um indivíduo, a percepção se constitui numa relação decorrente de relações estruturais que configuram um contexto. Sucessivamente, as decorrentes e contínuas percepções são os contextos, criados pelos sujeitos sociais, que possibilitam a constatação de valores e significados, assim como de classificação e nomeação ao que é percebido. Ocorre que, no sistema visado pelo esclarecimento (*Aufklärung*)¹⁰⁵, em Adorno e Horkheimer (1985, p. 72), ao sujeito lhe é imposto os princípios da sociedade administrada por seu sistema dominante, ou seja, “[...] O burguês nas figuras sucessivas do senhor de escravos, do empresário livre e do administrador é o sujeito lógico do esclarecimento”.

Sob a égide desta condição, cuja lógica expressa sua contradição, em Haroche (2013, p. 95-96), diferentes formas de invisibilidade são apresentadas e “a primeira delas é a das massas pobres, ela é evidentemente imposta, indistinta, ameaçadora, pois nela o indivíduo não existe exatamente; ele tende a ser considerado a massa indiferenciada e, por esse fato, a não mais gozar de nenhum direito”. A face mistificadora sobre a totalidade que se impõe aos sentidos, condicionados pelos fins, antes que a percepção ocorra, é marcada no decurso da formação histórica dos sujeitos pelo poder da dominação social, anulando a possibilidade de integração entre indivíduos, para corresponder aos fins utilitaristas do sistema dominante e burguês, cuja primazia da técnica se manifesta,

¹⁰⁵Referente ao significado histórico-filosófico da Filosofia das Luzes ou Iluminismo e também no significado de *Aufklärung* designando, em alemão e em português, o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc.) (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 7).

cada qual executa a sua pequena ação na esteira de montagem, exercita uma função parcial, sem conhecer o todo. Similarmente ao desenho do estático, a organização situa-se acima da massa, uma figura monstruosa, cujo criador a subtrai do campo de visão daqueles que a realizam e que mal a tem como observadores – Ela é planejada segundo princípios racionais, dos quais o sistema taylorista extrai somente a última consequência (KRACAUER, 2009, p. 95).

A razão turva, apresentada pelo pensamento supracitado de Kracauer (2009), se manifesta na modernidade e não inclui o homem, antes, se fundamenta abstratamente onde situa o pensamento capitalista, instaurando um espaço cultural que abarca todas as formas de suas manifestações para o consumo e lucro. A dinâmica da cultura organizada por esta lógica tem seu conteúdo de falsidade, pois se posiciona em função de resultados, realizando reversibilidades necessárias para que o novo seja o produto do reciclável.

O universal não é uma substância própria, contraposta aos indivíduos e muito menos a mera soma dos mesmos, é uma realidade coesa dotada de força e poder capaz de autocrítica, capaz de produzir cultura fomentando questionamentos, reflexões contra o poder heterônomo em prol de uma educação estética, em sua dinâmica política e histórica, em permanente experiência compartilhada. Contudo, é percebendo a experiência do caráter contraditório da realidade social, que se pode pensar em uma sociedade diferente do que existe.

Com efeito, se a cultura deslocada de seu sentido, se manifesta para se fundir com a tecnologia que impôs, conforme cita Adorno e Horkheimer (1985), de um caráter “sempre idêntico”, a reprodutibilidade técnica se enaltece em detrimento do sujeito e determina, materialmente, as relações sociais, promove a manipulação das massas de consumidores com uniformizações em que os indivíduos, ainda que conscientes de tal movimento, a ele se adequam.

Haroche e Aubert (2013) ao considerarem a realidade moderna, observaram uma nova concepção de homem em que “o espaço interior, o espaço invisível na pessoa, no indivíduo, atualmente, tende a desaparecer: como tudo muda de forma

constante, tudo se generaliza em termos de intensidade, a dicotomia interior/exterior já não seria possível” (p.85).

A formação do indivíduo presencia um saber condicionado ao sistema econômico e, portanto, cada vez menos subjugado a sua própria razão. Ao homem que se espelhava no cidadão da *Polis*¹⁰⁶ grega, em cuja razão moderna havia este ideário, para reconhecer a dignidade dos homens, a liberdade, a beleza e a força; contraditoriamente à indústria criada pelos conhecimentos produzidos pelos homens, foi dada autoridade sobre o seu próprio destino. Cindido de sua própria condição para a autonomia de seu pensamento, o sujeito se justifica na utopia de que o belo ideal é inalcançável ao homem. Essa “servidão voluntária”¹⁰⁷ substituiu o objetivo iluminista de dominar a natureza para, através de sua própria criação – a técnica – negar tudo o que é próprio da vida, tornando-a invisível.

Os modos de produção da vida em sociedade se pautaram por um processo de fragmentação contínua fazendo parte das formas de individualismo contemporâneo, conforme cita Haroche e Aubert (2013, p. 103):

Hoje consumidor, mas antes de mais nada objeto de consumo, consumido, consumindo, o indivíduo deve se vender e se consumir constantemente, e assim exigir nas telas, nas tecnologias contemporâneas, mostrar-se, exhibir-se de forma reiterada; ele se encontraria diante de uma iniciação contínua que põe em xeque a capacidade de vontade, de escolha, de reflexão, a capacidade psíquica de atividade no consumo, levando em última análise à passividade e à submissão, até mesmo a supressão de si.

De acordo com a citação supracitada, uma proximidade ao pensamento de Adorno (2009) é possível em relação à visibilidade, considerando a emancipação como mote da discussão, que consiste em romper com a fixidez do pensamento, bem como ressaltar a importância de se elaborar o passado como forma de conhecer as causas

¹⁰⁶*Pólis* – Caracteriza-se por ser um instrumento político excelente, “a chave de toda autoridade no Estado, o meio de comando e domínio sobre outrem” (VERNANT, 2008, p.54).

¹⁰⁷ A expressão “Servidão voluntária” utilizada como parte do título do segundo capítulo dessa dissertação, também encontrada na obra de Discurso da Servidão Voluntária de Etienne de La Boétie, distingue-se da temática abordada pela autora desse estudo teórico e bibliográfico.

que permitiram o sofrimento humano. Nesse aspecto, cumpre-se o sentido da obra de arte na filosofia adorniana: “[...] que seria da arte enquanto historiografia, se ela se desembaraçasse da memória do sofrimento acumulado?” (ADORNO, 1970, p. 291).

Retirar o “véu da invisibilidade” sobre as causas que permitiram que a formação dos homens se mantivesse sob o jugo da dominação social e de uma racionalidade que impede autonomia significa eliminar essa repetição, assim como a educação para adaptação da realidade em que a permanência das causas se expressa nessa condição invisível.

2 - Sentido e significado da estética e da educação moderna

A racionalidade moderna ao se caracterizar como negação do que não era racional, inclusive no próprio sujeito, converteu-se em autopreservação, portanto, em adaptação (ADORNO, 1995). Embora a exclusão do não-racional tenha se evidenciado com intentos modernos em favor do esclarecimento da razão, este se tornou totalitário sob o discurso do domínio da natureza e o ser humano deixou-se dominar.

A racionalidade moderna eliminou a natureza daquilo que o ser humano conserva em si mesmo, no seu interior, gerando um tipo de violência psicológica situada na constituição da subjetividade do sujeito moderno. Sobre este aspecto confere Haroche e Aubert (2013, p. 105. *grifo da autora*) uma reflexão:

Em nossos dias, só a aparência visível estaria no centro da construção e da identidade do sujeito. *A obrigação da visibilidade* e a imagem de si contínua conduzem à deslegitimação, à proibição completa da invisibilidade; elas suprimem a reflexão, a contemplação e o direito de se calar, podendo então aparecer como uma das formas derradeiras de controle, de destituição, de privação de si.

Nesse contexto, pode-se considerar que o sujeito se constitui na base da violência para se integrar a sociedade regida pelos mecanismos de dominação, que incidem sobre a artificialidade da luta pela autopreservação. Diante da impossibilidade

de manifestar sua capacidade de sentir e estabelecer vínculos comprometidos com a diferença, manifesta-se a indiferença, inclusive o sofrimento de si mesmo e do outro. A imagem do sujeito é, portanto, prefigurada pela exigência da real visibilidade que se configura como simulacro, impedindo que sua invisibilidade venha se tornar visível.

Sobre esse aspecto da reflexão, a imaginação, característica distinta do homem, consiste no caminho para que a criação venha se expressar, pois “sem a imaginação não haveria *memórias ou projeções* de futuro” (WULF, 2013, p. 27). Pode-se dizer que a educação para a emancipação visa alcançar a dinâmica da imaginação e da reflexão crítica, condição para desvelar as contradições a partir das relações entre universal e particular, numa relação ambivalente que deve, primeiramente, produzir no sujeito o estranhamento sobre o imediato.

Faz-se necessário anunciar uma mudança de ênfase sobre o que a imediaticidade desta realidade se encarrega de manter sobre o pensamento, sobre o objeto e a falsidade do conceito, ou seja, uma formação que confere a experiência catártica, denunciando a retirada dos efeitos éticos da formação humana.

Wulf (2013, p. 48) cita Ricoeur para esclarecer essa experiência:

De acordo com Aristóteles, ações miméticas não criam cópias da realidade pelas quais a diferença entre o modelo e representação supostamente desaparecem. Os processos miméticos levam à imitação simultânea e à mudança; eles buscam o “embelezamento” e “aperfeiçoamento”, uma “imitação criativa”. A representação de Aquiles e Homero é um exemplo disso. Apesar de Aquiles ser representado como um homem de pavio curto, imprudente, ele ainda aparece predominantemente como um herói notável. Na literatura, o processo mimético leva ao modelamento do possível e do geral. Isso coloca um novo elemento em jogo ao processo de imitação, que não é parte puramente do processo de representação.

Ao considerar a formação estética como elemento significativo à emancipação do indivíduo, cabe ressaltar a importância inicial da educação para a adaptação e sua relação com a cultura, considerando os processos miméticos da formação da criança, incidindo sobre a imaginação, ao que em Wulf (2013, p. 14) “a educação pode ser

compreendida como um processo mimético no qual a crítica aos modelos também desempenha um papel importante”.

A emergência da reflexão na formação do indivíduo moderno/contemporâneo tem como base, a troca como elemento determinante nas relações entre os homens, em que a aquisição mimética dos padrões culturais estabelecidos confere correspondência às imagens produzidas pela cultura como se fossem reais. Imitar significa copiar e, por isso, pode gerar competitividade, rivalidade e violência (WULF, 2013).

Na formação do homem moderno, a imagem assumiu sua expressiva difusão através da incorporação e atribuição de sentido aos produtos culturais socialmente produzidos, cujas instituições, em especial a escola, enraízam suas formas de produzir os conhecimentos e produções historicamente construídas. Todos estes elementos constituem o aprendizado que, em grande medida, afeta subjetividades de modo ambivalente, como cita Wulf (2013, p. 55):

Processos miméticos também são conectados com os processos pelos quais somos afetados por experiências nas quais nossas subjetividades se dissolvem no caos da violência descontrolada. Esses processos também envolvem confrontos com o poder, a dominação, a violência e a opressão, que são parte de toda a cultura e nas quais os processos miméticos estão repetidas vezes imersos. O círculo vicioso de violência é um exemplo da estrutura mimética de muitas formas de violência (Girard, 1996). Entretanto, os processos miméticos também estão ligados a aspirações por formas de experiências de formas de vida superiores, nas quais “experiências de vida” podem ser buscadas e encontradas (Adorno, 2004).

2.1 - Contribuições de Friedrich Schiller e Theodor Adorno

Como Schiller (2013), Adorno e Horkheimer (1995) pensaram numa educação para a emancipação e a formação de uma individuação que confere liberdade. Ao tratar de uma “arte formadora de almas” e propor a relação entre “juízo estético aos

princípios da razão”, em sua obra, Schiller (2013, p. 31, Carta IV) afirmava que o homem pode ser “oposto a si mesmo de duas maneiras: como selvagem, quando seus sentimentos imperam sobre seus princípios, ou como bárbaro, quando seus princípios destroem seus sentimentos”. A preocupação de Adorno (1995a) permanece urgente, ao que parece cotejar a presença da barbárie na constituição do sujeito moderno, fato que “a tendência global da sociedade engendra hoje, por todas as partes, tendências regressivas [...] pessoas com traços sádicos reprimidos” (p. 112).

A educação estética pensada por Schiller (2013) confere em Kant suas bases e, por isso, busca o estágio fronteiro entre o sensível e o racional:

O impulso sensível exclui de seu sujeito toda espontaneidade e liberdade; o impulso formal exclui do seu todo dependência e passividade. A exclusão da liberdade é necessidade física, a da passividade é necessidade moral. Os dois impulsos impõem necessidade à mente: aquele que por leis da natureza, este por leis da razão. O impulso lúdico, entretanto, em que os dois atuam juntos, imporá necessidade ao espírito física e moralmente a um só tempo; pela supressão de toda contingência ele suprimirá, portanto, toda necessidade, libertando o homem tanto moral quanto fisicamente (SCHILLER, 2013, p. 70, Carta XIV).

A compreensão de que a estética realizará essa relação é para Schiller (2013) formativa, pois este considera a estética como a matriz do pensamento e da ação, exercendo, pelo impulso lúdico, a tensão necessária para uma livre determinação, sendo esta uma tarefa da cultura que busca a emancipação do homem. Seu objetivo refere-se ao que está para além da natureza humana, na busca contínua do embelezamento de sua existência.

Para ilustrar a relação entre razão e sensibilidade, Adorno (1995) afirma que a exigência de emancipação (*Mündigkeit*) versa no rompimento com a visão de totalidade sobre a realidade moderna, que a tudo integra e faz com que os sujeitos sociais se identifiquem com ela. Para tanto, considera importante a mudança do conceito de totalidade, conceito que a racionalidade técnica exige conciliar o sujeito à

realidade sem reflexão, cuja frieza é também manifesta e desempenha o caráter da dureza, reprimindo toda sensibilidade.

Um mundo como o de hoje, no qual a técnica ocupa posição-chave, produz pessoas tecnológicas [...]. As pessoas tendem a tomar a técnica pela coisa mesma, a considerá-la um fim em si, uma força com vida própria, esquecendo, porém que ela é o prolongamento do braço humano – são fetichizados porque os fins, uma vida humana digna, tem sido velados e expulsos da consciência das pessoas. [...] O tipo propenso é a fetichização da técnica está representado por pessoas que dito de forma simples, são incapazes de amar (ADORNO, 1995a, p. 118-119).

Isso equivale dizer da necessidade de mudar o conceito tradicional de estética para um conhecimento autêntico à transcendência do conceito, esvaziando-se de suas projeções autoritárias determinadas nesse período histórico. Nesse sentido, a aparência lógica que confere o engano se aproxima do pensamento de Schiller (2013) ao apresentar o conceito de aparência pelo seu avesso, isto é, pela negatividade do conceito lógico. A cultura contemporânea da aparência que confere ao real uma falsa liberdade, se passando por uma autêntica liberdade como propõe a indústria cultural, remete “à carência de realidade e adesão ao real como meros efeitos da privação, a indiferença com a realidade e o interesse pela aparência são uma verdadeira ampliação da humanidade e um passo decisivo para a cultura” (SCHILLER, 2013, p. 124, Carta XXVI).

Se esta é a proposta da educação estética para a emancipação, cuja promessa é o domínio da natureza e direito humano, no avesso de seu entendimento, significou a sua própria negação, pois os indivíduos ao dominarem o outro, foram também, dominados. Subjacente a autonomia da razão, conferiu-se objetificação. O entendimento exige reflexão, que também é um trabalho, uma forma de práxis, pois dá forma a uma matéria.

É sobre essa realidade que Adorno (2009) coteja a necessidade da reflexão, da “percepção original” como concebeu Kant (1983), a concentração elementar, diferenciada da concentração que se tornou sistemática e que envolve grandes

mudanças. As estratégias de saída deste estado de impotência poderão ser individuais ou coletivas, o aprendizado depende da repetição do mesmo e até da reprovação do que não se pode mais aprovar quando se faz autocrítica.

O desenvolvimento crítico da reflexão adorniana chama à atenção para a necessidade de uma estética cuja exigência é a experiência do pensamento para um segundo retorno ao sujeito sensível e racional, capaz de realizar constante exercício de desbarbarização pelo qual ele mesmo se constituiu.

Em Schiller (2013, p. 126) em sua Carta XXVI, o filósofo propõe:

A aparência é estética somente quando *sincera* (renunciando expressamente a qualquer pretensão à realidade) e quando *autônoma* (despojando-se do apoio da realidade). Tão logo seja falsa e simule realidade, tão logo seja impura e careça da realidade para seu efeito, ela torna-se nada mais que um baixo instrumento para fins materiais e nada pode provar quanto à liberdade do espírito. Não é necessário, de resto, que seja sem realidade o objeto onde encontramos a bela aparência; basta que o nosso juízo não se atenha a esta realidade, pois enquanto a ela se atém, não é estético. (*Grifo do autor*).

Na possibilidade de referir-se a autonomia da razão para não se ater a realidade, Schiller (2013) afere importância à reflexão, conforme a citação supracitada, para preservar o que a realidade moderna destituiu: a cultura; como também adverte para a necessária revolução sobre a maneira de sentir, realizando esta reviravolta na natureza humana já corrompida pela forma, pois “enquanto, contudo, a rude natureza for demasiado poderosa conhecendo outra lei senão da modificação pela modificação, ela resistirá àquela necessidade por seu arbítrio inconstante; a constância, por sua inquietação; à autonomia, por sua carência; a sublime simplicidade, por sua voracidade” (SCHILLER, 2013, p. 131, Carta XXVIII).

Essa discussão remete ao que Adorno (2009), citado por Pereira (2011), anuncia por analogia sobre a alegoria da caverna de Platão:

aqueles que viram a luz fora da caverna e não puderam interpretar a visão, cujas palavras não foram suficientes para exprimir, não

puderam passar pela experiência do processo, tornaram-se inabordáveis. Os homens que se conciliaram com a “luz” das ideias e acreditaram que eram a possibilidade da transformação, tornaram-se como ela, os iluminados identificados, os quais sob a representação idealizada de homens transformados se indiferenciaram (p. 93).

Adorno (1995a) acrescenta à discussão que a cultura moderna foi extremamente confrontada com suas próprias exigências, configurando-se como cultura da heteronomia em sentido kantiano oposto à autonomia¹⁰⁸. Por isso, a escola administrada pela lógica do consumo é decidida sob protocolos de identidade e diferenças, entre elementos sobre problemas que envolvem o racional e o irracional, sobre o que é necessário e o que é contingente.

Ao reproduzir uma gama de dispositivos padronizados, a falsa cultura acirra seus ordenamentos sobre a educação, o que nos permite afirmar que a escola (instituição) nasce de uma decisão sobre os critérios válidos de racionalidade, conforme o sistema social e historicamente constituído. Adorno (1995a) confere a isso as representações sobre a profissão de ensinar que conduzem a formação do professor, as quais escamoteiam a realidade em que o “eu” representado funciona como totalidade funcional, sujeito dos julgamentos estéticos pré-determinados.

Em Adorno (1970), cabe à estética sustentar novos modos de formalização e ordenações que não sejam mais assentados na repressão da experiência de não-identidade, mas pensar na promessa de uma nova ordem trazida pelo setor mais avançado da produção artística. O autor assumiu como necessário o fato de parar de ver a arte como a simples indicação de uma estética e assumi-la como setor privilegiado da história da razão. Afirma, ainda, que é preciso derivar todas as consequências do fato de uma certa experiência estética, com seus protocolos e

¹⁰⁸Autónomos – (grego) – independente, aquele que age por si mesmo, que define o próprio nómos, a lei, a norma que rege sua existência, conforme sua natureza (COELHO, 2004, p. 24). Esclarecimento [Aufklärung] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. KANT, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: KANT, I. Textos seletos. Petrópolis, R.J. Editora Vozes, 2008.

formalizações, fornecer o modelo de reorientação das categorias da dialética para pensar em conjunto, por exemplo, a categoria de sujeito.

A crítica de Adorno (1970) denuncia a obra de arte funcionalizada, ou seja, como mercadoria que “faz parte daquela parcela da dialética da *Aufklärung*, em que processo e regressão são idênticos” (Adorno, 1970, p. 100). A arte perde, portanto, a sua aura¹⁰⁹, aquele distanciamento que transcende a história, ou seja, que a distingue dos mecanismos de dominação e produtos massificadores da indústria cultural. Seu caráter prático como obra de arte na sociedade presente está distorcido, pois:

A fraude está no fato de a sociedade fazer com que as coisas pareçam existir em função dos homens, elas são produzidas em função do lucro [...]. Uma vez que uma utilidade em prol dos homens é libertada de sua dominação e exploração, seria o correto, nada é mais insuportável esteticamente do que a forma atual das coisas utilitárias subjugadas pelo seu oposto e deformadas por ele até a essência. [...] (ADORNO, 1967, p.124).

A cultura moderna/contemporânea encontra-se em estreita relação com a produção de mercadorias, as quais, devido à mundialização do capital econômico, torna-se possível comercializar bens simbólicos em detrimento da subjetividade. O desenvolvimento tecnológico cooptou a arte pela indústria para servir à produção que visa sua manutenção, sob a primazia da eficácia dos meios que sobrepõem à racionalidade dos fins e as esferas da subjetividade.

Adorno e Horkheimer (1985) ao denunciarem o caráter mercantil a que a arte é submetida, reclamam sua inversão para fazer valer a liberdade e a autenticidade da arte como oposto do produto da indústria. A arte em permanente relação com o contexto social em seu duplo caráter, ora se manifestando como elemento distinto da realidade empírica, sem produzir efeitos sociais, ora como fenômeno estético,

¹⁰⁹Termo compreendido como “trama peculiar de espaço e tempo: aparência única de uma distância, por muito perto que se possa estar”(p. 127). A “perda da aura” é a perda da excepcionalidade da obra de arte provocada principalmente pela fotografia e pelo cinema (BENJAMIN, Walter. Sobre arte, técnica, linguagem e política. Lisboa: Relógio D’Água, 1992).

manifestando seu efeito social, não se realiza concretamente, pois esta só poderia ocorrer na medida em que se constitui como autônoma.

Isso significa dizer que a arte para Adorno (1970) ao negar adaptação à realidade do existente instituído, realiza sua crítica pela expressão criativa de possibilidade da formação para emancipação. Tal perspectiva crítica da sociedade pelo viés da cultura, entendida como espaço privilegiado das manifestações simbólicas que constituem o sujeito, é o que este autor se põe a reivindicar. Sua autenticidade ocorre, entretanto, quando a arte se alia a tarefa premente de preservar a percepção e os sentidos, renunciando o sentir sobre o que não é dito de forma explícita na perspectiva que abarca o racional e o sensível, encontrando ecos em outras formas de perceber o mundo.

3 O cinema como manifestação artística e a formação estética

Ao analisar o cinema como manifestação artística, entende-se sua dinâmica como forma socialmente constituída devido ao seu caráter cultural ambivalente, ora como instrumento ideológico como se fosse uma manifestação oriunda da massa ora como potencial educacional.

Compreender as transformações de mundo pressupõe também considerar as transformações de outra ordem como a percepção humana. Afetado pelas forças produtivas e pelas relações de produção no processo histórico, o humano como natureza e como cultura se modifica, assim como a percepção humana. Conseqüentemente novas relações com a obra de arte são manifestadas, inclusive seu sentido e significado. Devido a estes fatores, a relação entre arte, trabalho e cultura na modernidade/contemporaneidade visa à educação estética como possibilidade emancipatória para proporcionar experiências que possibilitem a espontaneidade da formação de uma consciência das percepções.

Wulf (2013) confere à imaginação (*Einbildungskraft*) um movimento dialético de relações e de representações:

uma potência que faz o mundo aparecer ao homem, no sentido grego de *phainestai*¹¹⁰. [...] Por um lado, ‘fazer parecer’ implica que o mundo aparece ao homem e é percebido de maneira circunscrita pelas condições do ser humano. Por outro lado, ‘fazer aparecer’ significa conceber o mundo através de imagens mentais e criá-lo em conformidade formal (p. 22).

A justaposição das imagens em nossa percepção, consequência do poder da imaginação, permite descontinuidade de movimento e no interior do indivíduo se apresenta decodificada. Semelhante a esse movimento pode ser, para o cinema, o que o mundo visível se manifesta como recriação exteriorizada em prol da intenção emancipatória.

Diferentemente, em Adorno (1985), como já foi exposto anteriormente, a indústria cultural fornece sua ideologia para manutenção da realidade social capitalista e confere ao cinema outro aspecto: “o cinema integra várias camadas de modelos de respostas comportamentais [...] segundo os modelos que oficialmente visa” (p. 184)..

Não obstante, contrariando aos modelos que definem intencionalidades contrárias a formação para emancipação, a estética do filme deveria recorrer à experiência subjetiva, a uma narrativa que promovesse a experiência interior, a reflexão contemplativa. “O filme seria arte enquanto reposição objetivadora dessa espécie de experiência” (ADORNO, 1994, p. 102).

Para tanto, cabe considerar a filosofia no mote dessa discussão, entendida como um “despertar, [...] um momento de ruptura refletido no pensamento”, conforme cita Badiou (2015, p.36) ao dissertar sobre o cinema como experiência filosófica, que ocorre por uma relação paradoxal entre polaridades que possibilitam,

¹¹⁰ O termo “fantasia” está relacionado ao grego *phainestais*, no qual a ênfase principal recai sobre algo aparecendo ou sendo feito para aparecer. Em contraste, a ênfase no termo latino *imaginatio* está no processo de incorporar imagens, também acentuado no termo alemão *Einbildungskraft*. WULF, Christoph (2013, p. 22).

entre outras, explorar as fronteiras da arte para criar sínteses, ou seja, “a filosofia, ao pensar a ruptura, a escolha, a distância, a exceção ou a eventualidade do acontecimento, inventa uma nova síntese” (BADIOU, 2015, p. 42).

Embora os mecanismos de dominação se utilizem dos sentidos, das artes e dos conhecimentos para suas realizações, o cinema para Badiou (2015) é compreendido como o que guarda outras artes como a ideia da beleza do mundo sensível, a música enquanto dialética do visível e do audível, na narrativa do romance como forma de relato e a aura que conserva o ator do teatro, por isso, “desempenha um importante papel, pois modifica as condições de possibilidade da síntese” (p.45) .

É importante destacar que a leitura de Adorno citado por Caires *et al* (2017) nos faz entender que:

[...] existe algo que constitui sistematicamente no interior do discurso filosófico e que torna impossível a existência de respostas definitivas, qual seja: o *núcleo temporal da verdade*. Isso não significa aderir ao historicismo, que de forma mecânica, compreendia as idéias como reflexos imediatos do tempo histórico e do *topos* social onde são gestadas. A filosofia, ao invés disso, é o esforço de articulação conceitual, de modo a tornar perceptíveis os modelos de racionalidade que ordenam a realidade e seu movimento.

Quando Adorno (2009) sugere a emergência de uma nova racionalidade na qual intuição e conceituação não se abdicam, ele propõe uma racionalidade que se oponha à indústria cultural para não tolher a sensibilidade e o entendimento.

Nesse sentido, segundo Aumont *et al* (2012), o cinema, ao ser reconhecido como arte no século XX, houve um empenho em desenvolver suas capacidades de narração, possibilitando uma experiência estética, conferindo aos nossos sentidos uma dimensão de conhecimento e ao nosso entendimento, a dimensão de sensibilidade.

Chama a atenção o “fermento orgânico” do cinema como arte emancipada, pois, nesse processo entre a ficção e a realidade, há uma consciência da relação arbitrária que o trabalho artístico estabelece com a realidade, ainda que haja a intenção de transpô-la rigorosamente. O caráter subjetivo deixa transparecer a

subjetividade do autor, o que denota a possibilidade de emancipação tanto do autor como também do espectador, abrindo brechas para a reflexão e, conseqüentemente, para a criação sem sacrificar a mediação entre a lógica da obra e a do sistema social, pelo qual o cinema tenta aproximar.

A forma como a narrativa é elaborada no espírito do espectador é o que Aumont *et al* (2015) se refere quanto ao desenvolvimento fílmico:

Portanto, já não se trata aí da história tal como é possível reconstruí-la, uma vez concluída a leitura da narrativa (a visão do filme), mas da história tal como formo, construo, a partir dos elementos que o filme me fornece “gota a gota” e, também, tal como meus fantasmas do momento ou dos elementos retidos de filmes vistos anteriormente me permitem imaginá-la.

Para pensar numa educação estética a partir do cinema, o espectador deve sentir a necessidade da reflexão, com possibilidade de realizar o esforço intelectual, conhecendo os meios fetichizados que impedem autonomia e, portanto, deve se afastar do caráter coletivo *a priori* para se por à serviço da intenção emancipatória, para chegar à coisa mesma, ou seja, se permitir pensar e fantasiar livre do controle de identificação imediata com a realidade, sem ser adestrado.

A conscientização da educação estética do cinema requer compreender o que Benjamin (2011) afirmou:

A natureza que se dirige à câmera não é a mesma que a que se dirige ao olhar. A diferença está principalmente no fato de que o espaço em que o homem age conscientemente é substituído por outro em que sua ação é inconsciente. [...] Ela (a câmera) nos abre, pela primeira vez, a experiência do inconsciente ótico, do mesmo modo que a psicanálise nos abre a experiência do inconsciente pulsional (BENJAMIN, 2011, p. 189-190).

Considerações finais

A experiência estética se concretiza no desafio entre subjetividade e objetividade, um desafio capaz de produzir o que tem de artístico no sentido da formação para a emancipação, ou seja, é significativo à formação estética em que haja visibilidade das contradições e não uma projeção do real sobre a arte, subsunção dos sujeitos frente à obra de arte.

No caso do cinema a instância narrativa deve ser propositalmente evidenciada entre os personagens, trata-se de uma história sendo contada ao público. O filme em seu caráter artístico, que promove a educação estética para a emancipação, não apresenta o mundo fictício que garante a imersão do público na história, antes relaciona elementos clássicos e ilusionistas sem o aparato tecnológico capaz de impedir que o público possa imaginar, sentir e refletir.

A educação estética versa, portanto, na conscientização do distanciamento entre sujeito e objeto, o que não impede o sujeito de sentir e refletir sobre a obra de arte, é, portanto, elaboração, exercício do conhecimento da verdade ou do que aparece como verdade. É pela forma aberta da arte que é possível verificar que o filme proporciona o distanciamento necessário para o exercício do pensamento crítico, sem que o universal da realidade social venha a exercer o seu domínio sobre o particular.

Por fim, proporcionar o estudo do cinema como elemento artístico na educação é significativo para possibilitar uma reeducação dos sentidos, pois ele condensa sua centralidade ao considerar as demais artes, como a música, a literatura, o teatro, a pintura e a fotografia. Além desse aspecto, a universalidade, como expressão do social, ganha outra significação a partir do terreno estético, na medida em que o indivíduo não pode apenas reproduzir o novo, mas a possibilidade de subverter esse universal. A possibilidade de uma formação estética tem como mote perceber em que a arte obedece à sociedade e em que ela é reação, autonomia necessária à perspectiva emancipatória.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, T. W. Funktionalismus Heute. In: _____. **Onhe Leitbilde**. Parva Aesthetica. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1967, p. 164.
- _____. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1970.
- _____. Notas sobre o filme. In: COHN, G. (org.). Thedor W. Adorno: **Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994, pp. 100-107.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. **Palavras e sinais**: modelos críticos 2. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1995a.
- _____. **Prismas**: crítica social e sociedade. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. **Dialética Negativa**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- AUMONT, J. *et al.* **A estética do filme**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BADIOU, A. O cinema como experimentação filosófica. In: YOEL, G. (Org.) **Pensar o cinema**: imagem, ética e filosofia. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 36 – 42.
- BENJAMIN, W. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- _____. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas I. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2011, p.189-190.
- CAIRES, F. *et al.* **Anotações contemporâneas em teoria crítica**. 1 ed. Porto Alegre, RS.: Editora Fi, 2017.
- COELHO, Ildeu Moreira. Ensino, pesquisa e formação de estudantes e professores. In: **Revista da PUC**, Campinas, SP, nº 18, jan. 2004.
- HAROCHE, C. & AUBERT, N. (Orgs.) **Tirantias da visibilidade**. Ed São Paulo: Editora Fap/Unifesp, 2013. pp. 85 – 123.
- KANT, I. **Textos seletos**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2008, p. 63.

_____. **Crítica da razão pura**. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

KRACAUER, S. **O ornamento da massa**. 2 ed. São Paulo: Cosac Naif, 2009, pp. 91 – 103.

PASCAL, G. **Para compreender Kant**. Petrópolis: Vozes, 2005.

PEREIRA, M. F. T. **Sobre as relações de autoridade e poder na docência**: contextos (des)autorizados pela formação. Dissertação de mestrado [manuscrito]. 2011. 168f.

SCHILLER, F. **A Educação estética do homem**: numa série de cartas. Trad. Roberto Schwartz e Marcio Suzuki. 3 ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2013.

VERNANT, J. P. **As origens do pensamento grego**. 4 ed. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

WULF, C. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. 3 ed. São Paulo: Hedra, 2013.

Data de envio: 27 de fevereiro de 2018

Data de aceite: 30 de junho de 2018.